

MULHERES E(M) SEU TEXTECER: ENTRE DOR(ES), LUTA(S) E RESISTÊNCIA(S)

A atualidade tem sido marcada por dizeres sobre as mulheres, a constituição e condição subjetiva do/no feminino na formação social capitalista, cuja ideologia mantém fortes laços com o patriarcado. Nas artes, nas ciências, na política e em tantas outras frentes de atuação, mulheres são olhadas e ditas, mas também atuam, dizem e se significam, em gestos constantes e necessários de luta e resistência, a fim de legitimar seus dizeres e suas existências.

Pensando na relevância, na singularidade e na transversalidade dessa problemática, nossa aposta na organização deste livro foi propor uma reflexão em torno dos processos discursivos sobre/de mulheres na relação com temáticas específicas, colocando em jogo as tensões, os dilemas e as frentes de luta e de resistência que se vislumbram. A partir da mobilização preliminar de temas como artes, mídias, ditaduras, psicanálise, feminismos, políticas, filosofia, trabalho, maternidades, ciências, espaços urbanos, saúde, transexualidade e imagens, contamos com a colaboração de outras mulheres para pensarem, dizerem e se posicionarem conosco, teórica e politicamente. Cada autora elaborou seu texto sobre um determinado tema mobilizando o que lhe afetava no dizer, no mostrar e no fazer das/sobre as mulheres.

Para o tema “maternidades”, contamos com a colaboração de Aline Fernandes de Azevedo Bocchi, com o texto intitulado “Vislumbres de maternidade entre (des)aparecimentos, silenciamentos e equívocos”. A autora analisa, a partir de recortes, o catálogo da exposição *The Hidden Mother*, de Linda Fregni Nagler. A partir de fotografias de bebês e crianças realizadas nos séculos XIX e XX, Bocchi busca compreender o que formula como “*prática contemporânea de resistência*” a partir do jogo estabelecido entre o visível e o invisível da figura materna nessas materialidades significantes.

Com o tema “violências”, Ana Paula Peron, no texto “Mulheres e violências: a humilhação pela palavra na condição de violência conjugal”, mobiliza a noção de humilhação para articulá-la a uma análise discursiva da violência psicológica. Com um *corpus* construído a partir de relatos colhidos de mulheres que procuraram um Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher em um bairro periférico de São Paulo, a autora busca situar o efeito da

humilhação como um elemento que constitui o discurso da mulher na posição “mulher em condição de violência conjugal”.

No texto “As filósofas da Antiguidade e do Medievo: presença e ausência em discurso”, Anna Deyse Rafaela Peinhopf e Dantielli Assumpção Garcia discorrem sobre a constituição do campo filosófico a partir da ausência presente de mulheres filósofas de sua história. As autoras partem da Antiguidade e do Medievo para mostrarem como Aspásia de Mileto, Diotima de Mantinéia, Hildegarda de Bingen e Christine de Pisan, mulheres filósofas, resistiram e produziram um saber científico em tais períodos históricos.

A partir do tema “ditaduras”, o texto de Andréia da Silva Daltoé, “O rasgo de identidade do nome que se faz próprio na clandestinidade”, analisa o modo de subjetivação nas condições da ditadura militar e da clandestinidade. Para isso, parte da história de vida na clandestinidade da ex-presença política Derlei Catarina De Luca, analisando as pistas deixadas pelos nomes que Derlei precisou assumir no período ditatorial. Daltoé busca compreender “os modos de o sujeito se subjetivar mesmo quando é preciso ‘deixar de existir’”.

Para mobilizar o tema “deficiências”, Angela Corrêa Ferreira Baalbaki e Ana Cecília Rebelo colaboram com o texto “A justiça de braços cruzados: impedimento às denúncias de violência sofridas por mulheres surdas”. Baalbaki e Rebelo colocam em questão, na análise de diferentes materialidades significantes de uma notícia, os obstáculos e as interdições da mulher surda, os quais impedem o reconhecimento da violência sofrida.

O tema “arte” conta com a colaboração de Ariane Costa Derner, Giovanna Benedetto Flores e Nádia Régia Maffi Neckel, com o texto “Olhares sobre o feminicídio: registros do/no cinema e audiovisual”. As autoras elegem como objetos de análises o documentário “*Quem matou Eloá?*” (2015) e a minissérie “*Marielle, O documentário*” (2020) para colocar como questões de análises as imagens e os dizeres sobre os “corpos femininos, sobre o feminicídio e como a mídia de referência produz discursividade a respeito dos crimes praticados contra as mulheres”.

No texto “Mulheres e a questão trans: reflexões sobre vieses no campo de saúde das pessoas trans e feminismo”, Beatriz Pagliarini Bagagli busca relacionar o tema “transexualidade” à saúde, sobretudo por meio do funcionamento da linguagem, apontando para tensões produzidas no campo médico a partir das práticas em torno das identidades de gênero e para alguns dos sofrimentos do sujeito não cisgênero e não binário.

Com o tema “trabalho”, Belmira Magalhães e Geice Silva buscam situar no texto “Mulher e trabalho” a posição da mulher na formação social capitalista. Considerando especialmente a conjuntura pandêmica, as autoras analisam a reprodução da “divisão sexual do trabalho” a partir de discursividades que engendram as produções de evidências sobre a mulher, que aprofundam as desigualdades e deslegitimam, também financeiramente, muitas atividades realizadas pelas mulheres.

A partir do tema “mídias”, Ceres Carneiro e Silmara Dela Silva, no texto “Dizendo (d) o feminino na mídia”, situam os sentidos sobre feminino e casamento. Com um *corpus* constituído por cartas de mulheres endereçadas a diferentes espaços de aconselhamentos e em diferentes condições de produção, as autoras depreendem diferentes sentidos produzidos sobre a mulher na relação com o casamento a partir do funcionamento religioso e não-religioso, assim como a força do discurso patriarcal na atualidade.

Para mobilizar o tema “feminismos”, contamos com a colaboração de Evandra Grigoletto e Mónica Zoppi-Fontana com o texto “Sou mulher, ele sim: identificação e lugares de enunciação”. A partir de análises de sequências discursivas extraídas de páginas de redes sociais (Facebook e Twitter), as autoras analisam o funcionamento da modalidade de identificação que se faz representada diante da tomada de posição favorável a um dos candidatos à presidência da República, materializada linguisticamente pelo *Ele Sim*, além de postagens relacionadas ao feminino com o enunciado “Sou mulher”.

Com o tema “saúde”, Fernanda Lunkes, no texto “Transtorno mental e(m) mulheres: uma análise do discurso midiático”, busca situar, a partir da análise de matérias que abordam síndrome de *Burnout* e depressão, como os processos discursivos produzem efeitos de evidência na incidência de transtornos mentais em mulheres.

Mobilizando o tema “psicanálise”, Lucília Maria Abrahão e Sousa traz no texto intitulado “Ainda sobre o real, com os fios de Shiota” o conceito de real, tal como proposto na teoria lacanianiana, a fim de propor um gesto de leitura de trabalhos da artista japonesa Shiraro Shiota. A autora percorre um caminho teórico a fim de refletir como o sujeito lida com o vazio que lhe constitui para relacionar aos efeitos da produção artística de Shiota sobre e com o vazio, o furo que constitui as subjetividades.

No texto de Mara Glozman “El lenguaje inclusivo en la trama histórica: Notas sobre géneros, discurso y política en Argentina”, a autora analisa de que modo a linguagem adquire um papel central nas teorias sobre

gêneros e sexualidades e o modo como uma polêmica se instaura na Argentina em torno dessa temática. Ademais, nesse capítulo, Glozman reflete sobre a linguagem inclusiva, analisando seu caráter fundador nos debates sobre a língua na história de sua constituição.

Com o tema “espaços urbanos”, Mirielly Ferraça contribuiu com a obra com o texto “A rua como lugar de (r)esistência”. A partir de entrevistas realizadas em 2016 e 2017 com sujeitos que vivem ou transitam pelo Jardim Itatinga (Campinas-SP), bairro construído nos anos 1960 para ser “uma zona de prostituição”, a autora situa como as relações cotidianas são tecidas nesse espaço e como os sujeitos “(r)esistem”.

O tema “imagens” foi mobilizado por Renata Marcelle Lara no texto “*Esculpido vivo: vida e morte da art(ista)*”. A autora elabora sua análise com base na personagem Evelyn Ann Thompson (E.A.T.), do filme *Arte, Amor e Ilusão (The Shape of Things, 2003)*, em cenas nas quais E.A.T. apresenta seu trabalho de mestrado. A autora coloca em questão o cenário da instalação da obra da personagem, *escultura humana*, que coloca em suspenso “as relações entre sujeito, artista, arte, obra e espectador”.

Julgamos relevante fazer menção às reticências que compõem no título da obra, as quais apontam justamente para o que está em jogo no movimento dos sujeitos e dos sentidos. Ao adotarmos as reticências, assumidas como sinais discursivos (GRANTHAM, 2002), colocamos em questão um funcionamento propício desses sinais: a significação também pelo silêncio, provocando o leitor a mergulhar nessa deliciosa - e desafiadora - tarefa de compreender, em cada texto, como cada tema foi apropriado pelas autoras em seus gestos de análise.

As análises desenvolvidas pelas mulheres que seguiram conosco nesta jornada demonstram a potência e a força da proposta. Do lugar teórico que assumimos, a Análise de Discurso materialista, cada trabalho nos possibilita depreender os imensos desafios que nós mulheres ainda enfrentamos e os gestos de (r)existência que produzimos para legitimar nossas vidas como mulheres em uma sociedade patriarcal que tem horror ao feminino.

As organizadoras

Referências

GRANTHAM, Marilei. **Da releitura à escritura:** um estudo da leitura pelo viés da pontuação. 2002. 340 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.